

COMO SERÁ?

O tempo previsto de viagem entre São Paulo e Istambul, pela Turkish Airlines, é de 12 horas. Ele é mais que suficiente para se tentar dormir, apenas cochilar, voltar a tentar se acomodar na poltrona, fazer um lanchinho, ler páginas do Guia de Turismo, elaborar a listinha dos 'lugares que eu não posso deixar de ir' e imaginar como será a viagem. E como será?

O turista é mesmo um bicho particular na fauna dos tipos que nos transformamos, conforme as situações que vivemos. As expectativas comandam nosso pensamento e nosso coração e elas estão sempre acima do que poderemos realizar de fato. Isso não é um problema, mas uma solução, afinal as viagens não são apenas o que vivemos nelas, mas também o que planejamos, sonhamos e contamos sobre elas.

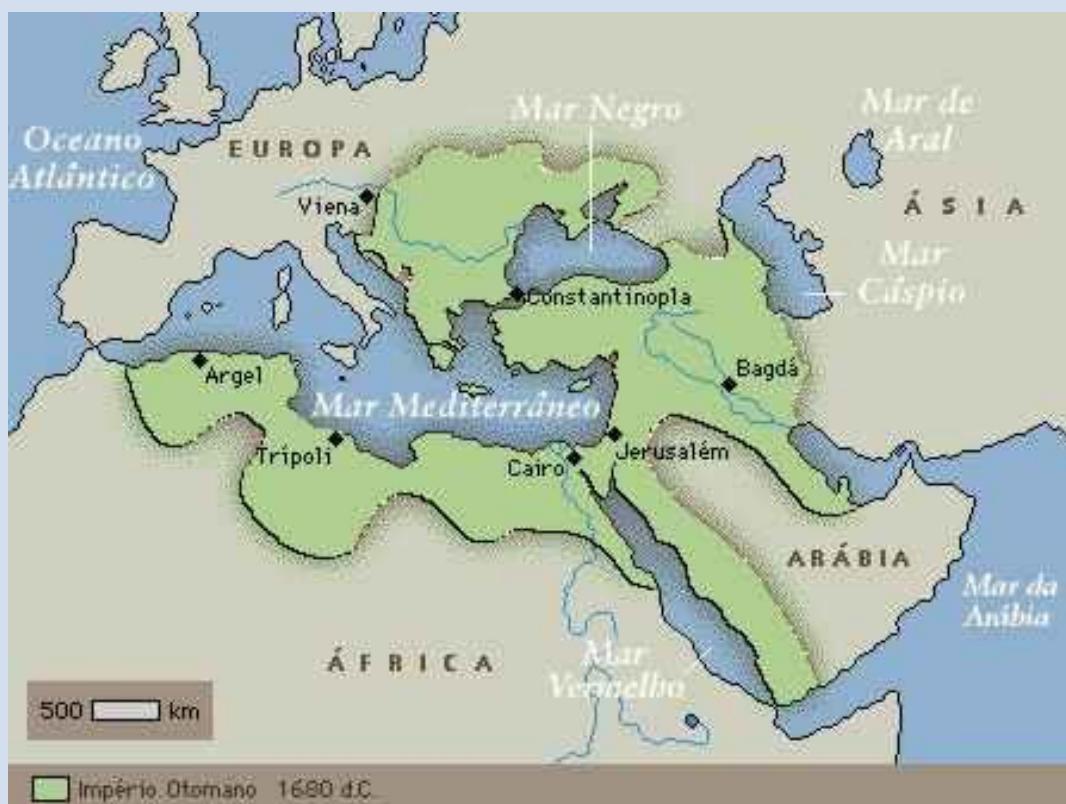
Quando vamos viajar, buscamos abrir as pastas da memória que foram sendo preenchidas com arquivos de muitas origens - aulas de Geografia e História, livros que já lemos, filmes que vimos, relatos escutados sobre as viagens dos outros, programas de TV, letras de músicas - e tudo isso vem permeado por visões de mundo que são sempre construídas a partir de onde estamos olhando, e eu o estou, com os óculos desfocado que o mundo ocidental cristão observa outras culturas. Nunca é demais lembrar.

Isso dificulta, incrivelmente, supor, com alguma pertinência, o que será a viagem. Estudamos pouco os mundos não ocidentais e não efetivamente cristãos, por isso, tudo que sei sobre a Turquia é muito pouco e deve estar carregado de estereótipos. De algum modo, tenho que admitir que, neste momento, ainda dentro do avião, todas minhas expectativas são preenchidas por lembranças imprecisas, vagas e uma ou outra coisinha que pude ler nos últimos dias.

Quando era criança, morando em São Paulo, volta e meia ouvíamos, nas conversas entre família e entre amigos, algum comentário sobre os turcos. Esta era a categoria na qual se incluíam todos os imigrantes e seus descendentes, cujas raízes estavam no largo território que abrangia parte do Oriente Médio e do Oriente Próximo, e o norte da África. Assim, sírios, libaneses, árabes sauditas, georgicos, persas, armênios, tunisianos e eles mesmos eram chamados de "os turcos".

Isso tem suas explicações históricas, porque a República Turca, tal como é hoje constituída, é uma criação de 1923, razão pela qual muitos dos que imigraram para o Brasil, antes desta data, tinham seus registros vinculados ao que fora o Império Otomano, cujas origens estão na Ásia Central, de onde veio o povo turcomano. Em tribos, espalharam-se pela Rússia, Índia, China e invadiram a Anatólia, no século X, então, sob o domínio bizantino.

O território atual do país que vou conhecer teve, assim, sua gênese, a partir de um grupo de turcos, os seljúcidas, que foram os responsáveis pela conquista de terras na Anatólia. Mesmo tendo havido o período de domínio pelos mongóis, entre 1243 e 1335, os seljúcidas retomaram o poder e, com o início da Dinastia Otomana, fundada por Osman I, deram origem a larga expansão que se ampliou, nos séculos seguintes, e chegou a abranger o que hoje compreende vários Estados-nação, como mostra o mapa esquemático, que se segue, o que nos ajuda a compreender porque chamamos tantos povos de turcos.

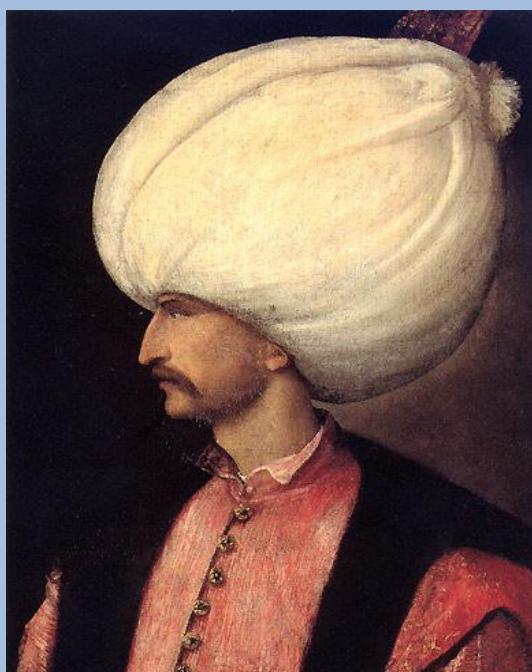


<http://culturaspovoseimperios.blogspot.com.tr/2012/10/mapa-do-imperio-otomano-curiosidades.html>

Quando eu era pequena, morávamos na Rua Irerê, no bairro de Indianópolis e, no nosso quarteirão, a casa mais bonita era a da família Dib. Eram sírios e já estavam estabelecidos com uma loja elegante na Rua Augusta, o point dos anos de 1960 em São Paulo, mas continuavam a vender tecidos em casa, a realizar alguma agiotagem, a aproveitar todas as chances comerciais que aparecessem... Assim, nossa família e todos os vizinhos referiam-se, a eles, como “esses turcos”, expressão que tinha um misto de admiração, pois foram os primeiros a ter carro no ‘pedaço’, e de desprezo pelo afã comercial que podia, aqui e ali, levar a nós, os brasileiros, a não se saírem bem nalguma negociação.

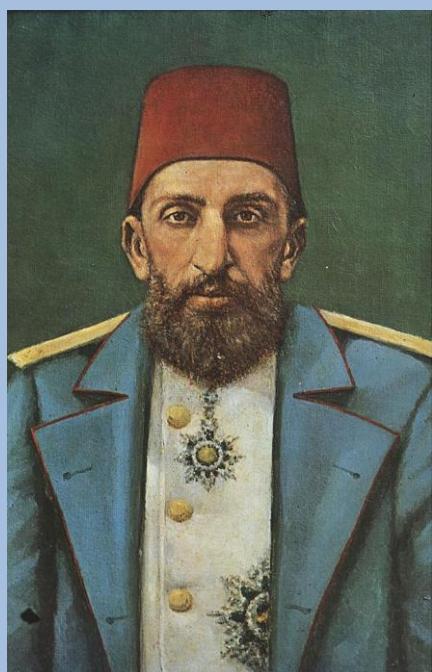
Eles eram, não sei se efetiva ou simbolicamente, os descendentes dos caixeiros viajantes que, na segunda metade do século XX, já não perambulavam tanto pela São Paulo então metropolitana, mas que tiveram desde o século XIX um papel importante na formação do comércio de roupas, calcados e utensílios para casa, em muitas cidades brasileiras.

No meu imaginário, os turcos se vestiam com camisas de gola fina e alta, sobreposta por um colete, que agora reconheço familiar nos trajes de Solimão, o Magnífico, que viveu entre 1520 e 1566 e foi considerado um sultão culto, amante das artes e da arquitetura. Portavam, ainda, um chapéu semi cônico (será que tem outro nome esta forma?) que vejo na foto do Sultão Abdül Hamit II, que governou na segunda metade do século XIX.



Selimão [Suleiman], o magnífico

http://marcelocoelho.folha.blog.uol.com.br/paisfilhos/arch2008-02-01_2008-02-29.html



Sultão Abdül Hamit II

http://pt.wikipedia.org/wiki/Abd-ul-Hamid_I

Como geógrafa, uma das minhas expectativas mais fortes é conhecer um país que é, ao mesmo tempo, asiático e europeu. Não é o único, pois há ao menos uma dezena de países que têm essa peculiaridade, incluso a Rússia, o maior do mundo.

O que me instiga, é, sobretudo, andar por Istambul, afinal, até onde sei, é a única cidade, que tem seu território em dois continentes. Isso dá, à experiência que aí será vivida, a possibilidade de conhecer o que é a transição e/ou a integração e/ou o conflito entre dois mundos, cultural, religiosa, social e politicamente falando.

Essas representações que alicerçam nossas expectativas são sempre simplificadas e simplificadoras, mas também não tenho qualquer intenção, como sempre gosto de registrar nos meus diários de viagens, de ir muito além de, quando estou em férias, oferecer-me a chance da surpresa.

Sensacional, afinal, é o inusitado, que ajuda a desconstruir imagens elaboradas, ao longo de largo tempo, e elaborar outras que, mesmo pontuais e referenciadas apenas num acontecimento ou outro, compõem o adorável caldo para o que desejamos guardar e contar sobre esses maravilhosos interregnos de tempo, as viagens, em que deixamos nossa vida cotidiana e experimentamos o novo.

Carminha Beltrão

28 de março de 2015